

ESAÚ E JACÓ - MACHADO DE ASSIS

Prof. Jorge Alberto

I. RESUMO BIOGRÁFICO:

O CENTENÁRIO DE MORTE DO MITO NACIONAL

Joaquim Maria Machado de Assis nasceu em 21 de junho de 1839, no Rio de Janeiro – o grande cenário – falece em 29 de setembro de 1908. Bisneto de escravos libertos, filho de um pintor mulato e de uma portuguesa dos Açores, agregados numa chácara no morro do Livramento, na zona portuária carioca. Pobres. Perdeu a mãe aos dez anos de idade, e o pai casa-se pela segunda vez com uma mulher negra. A madrasta ensina-lhe as primeiras letras e o resto pelos livros que lhe ensinaram vários idiomas. Rei absoluto dos vestibulares, Machado de Assis provavelmente nunca teve educação formal. Tímido, doente, míope, asmático, epilético, estéril, gago, mulato; na velhice uma úlcera na língua que o impedia de alimentar-se. Tornou-se um homem cético, reservado e discreto.

Aos 15 anos, fora do ambiente de origem, começou, através do livreiro e editor Paula Brito, também afrodescendente, a conviver com as letras. Em 1856 consegue uma vaga de tipógrafo na Imprensa Nacional, então dirigida pelo escritor Manuel Antônio de Almeida. Não realizou estudos regulares. Foi um homem disciplinado. Um autodidata. Pesquisas recentes dão conta das primeiras publicações a partir de 1854. Sua estréia acontece com o título singelo de “Soneto”, em 1854, num tablóide obscuro, *Periódico dos Pobres*. Depois seguiram, em 1855, publicou poemas românticos “Ela”, “A Palmeira”, “Um anjo” e, finalmente, o primeiro livro em 1864 — **CRISÁLIDAS** (poemas).

Considerado por muitos o maior escritor brasileiro de todos os tempos, Machado de Assis teve uma existência bastante conturbada. Trabalhou como tipógrafo e revisor, tornando-se mais tarde intenso colaborador na imprensa da época. Casou-se em 1869 com Carolina Augusta Xavier de Novais, companheira que muito o ajudou na carreira literária: “**Carolina**, tu pertences ao pequeno número de mulheres que ainda sabem amar, sentir e pensar. Como te não amaria eu?”. Em 1904 morre a grande companheira, amiga, mulher, enfermeira. Machado dedica-lhe o soneto: **A CAROLINA**.

O escritor alcançou um grau tão elevado na arte de escrever que sua obra não cabe na classificação de uma escola ou no estreito compartimento de um gênero. Ela é universal. Não há quem o leia sem considerá-lo um mestre. Machado de Assis conhecia a função de escrever. A palavra e a linguagem foram a essência de sua vida. Foi escritor, tradutor, jornalista e funcionário público. Nome de prestígio social e de respeito conquistado a duras penas. Foi o principal fundador da Academia Brasileira de Letras, chamada “Casa de Machado de Assis”. Nos últimos trinta anos, sua obra tem sido lida e estudada em outros idiomas. É citado como um dos maiores escritores do Ocidente e o gênio afrodescendente do Planeta pelo crítico e Professor Harold Bloom na obra **GÊNIO: os 100 autores mais criativos da história da literatura**.

As homenagens não pararam até hoje. Um dos mais belos momentos é o poema famoso “A UM BRUXO COM AMOR”, do poeta-maior Carlos Drummond de Andrade:

II. O ESTILO INCONFUNDÍVEL DO AUTOR

Machado de Assis não se prende aos postulados estéticos do Realismo. Com independência, **ironiza** tanto a ciência quanto à religião. A sua contribuição possibilitou acréscimos aos postulados realistas, abrindo caminhos que descortinaram a nossa literatura para um salto qualitativo que marca a maturidade das nossas letras. Realista não-ortodoxo, avesso a todos os modismos, o escritor inaugura procedimentos literários cujos desdobramentos ainda hoje podemos perceber.

Dono de um estilo clássico, substantivo, humor sutil e permanente; elegante, conciso; olhar mordaz sobre a classe dominante brasileira; seu estilo é marcado pela correção e clareza; é agilizado por uma constante preocupação experimental. Desconcerta o leitor, em “conversas” em que muitas vezes ironiza suas expectativas, por exemplo, no caso das leitoras românticas. Explora

COLÉGIO PRO CAMPUS – A PAZ ESTÁ NA BOA EDUCAÇÃO – COMENTÁRIOS DE OBRAS UESPI

a possibilidade de múltiplas interpretações, e, ainda, a ambigüidade como um recurso recorrente. **Pessimista, irônico e psicológico**; descrente em relação ao mundo e aos homens, Machado fez da literatura um espaço de liberdade e criação.

Machado de Assis ocupou-se principalmente das classes alta e média urbanas, mais precisa e especialmente do Rio de Janeiro e penetrou-lhes na consciência, sondou-lhes o mundo interior, analisando-as pelo avesso e expondo a complexidade e as contradições da personalidade humana.

III. OBRA

a) **Poesia**: Crisálidas, Falenas e Americanas (marcas românticas) e Ocidentais (poemas de tonalidade parnasiana).

b) **O teatro**: A queda que as mulheres tem para os Tolos, Desencantos; Quase Ministro, Protocolo, Os Deuses de Casaca, Tu, só Tu, Puro Amor. São peças frágeis. Segundo os críticos são melhores quando lidas, do que encenadas.

c) **A crônica**: Jornais como *Correio Mercantil*, *Diário do Rio de Janeiro*, *Gazeta de Notícias...* abordam do corriqueiro ao sublime, do cotidiano ao clássico que revelam o escritor para o “divertissement” e, ainda, um crítico implacável contra o regime escravista.

d) **A crítica**: Revela honestidade, senso estético; fina capacidade analítica, independência intelectual.

e) **O romance**:

1ª FASE:

Romances convencionais

Marcas do Romantismo

- *Ressurreição*;
- *A mão e a Luva*;
- *Helena*;
- *Iaiá Garcia*

2ª FASE:

. **O saldo qualitativo**: antinarrativo/preocupação formal/ironia/antiescravagista/diálogo com o leitor/Crítica social/sensorialismo/objetividade/personagens esféricas/narrativa lenta e minuciosa/pessimismo/interferência do narrador - digressões/intertextualidade/citações/reflexões metalingüísticas/ Estilo conciso/capítulos curtos...

. Realismo psicológico / Microrrealismo

. Romance problemático

- Memórias Póstumas de Brás Cubas (1881, marco inicial do Realismo)
- *Quincas Borba* (1892)
- *Dom Casmurro* (1899 e 1900)
- ESAÚ E JACÓ (1904)
- *Memorial de Aires* (1908, obra apresentada sob forma de um diário íntimo escrito pelo conselheiro em seus últimos anos de vida).

f) **O conto**:

1ª FASE:

Marcas do Romantismo

Contos convencionais

- *Contos Fluminenses*
- *Histórias da Meia Noite*

2ª FASE:

Conto problemático

Realismo psicológico

- *Papéis Avulsos*
- *Histórias sem Data*
- Várias Histórias
- Páginas Recolhidas
- *Relíquias da Casa Velha*

IV. ESAÚ E JACÓ (1904)

Esaú e Jacó e *Memorial de Aires* (1908) são os dois últimos romances de Machado de Assis que apresentam uma personagem comum: o conselheiro Aires, velho diplomata aposentado. Segundo a “Advertência” colocada na abertura de *Esaú e Jacó*, foram encontrados sete cadernos manuscritos entre os papéis do conselheiro após o seu falecimento. Os seis primeiros correspondiam ao Memorial que o conselheiro Aires vinha escrevendo; o sétimo continha o texto de **Esaú e Jacó**, que se destinou à publicação em primeiro lugar.

Esaú e Jacó é um romance complexo, aberto a múltiplas interpretações. É o romance machadiano que melhor documenta a época em que se passa a ação, apresentando pormenores do cotidiano afetado pela proclamação da República – fato que levou muita gente a considerá-lo um romance histórico.

Quando cronista da vida parlamentar, Machado de Assis sempre mostrava que os liberais e os conservadores usavam esses rótulos de acordo com suas conveniências, e que a diferença era estar ou não no poder. Toda a ficção do autor envolve isso também, mas, principalmente, em **Esaú e Jacó**.

1. ENREDO

O título desse romance remete o leitor às personagens bíblicas do Gênesis, Esaú e Jacó, filhos gêmeos de Isaac e Rebeca. Inimigos desde o ventre materno, Esaú, que tinha nascido primeiro, vende seus direitos de primogênito a Jacó, em troca de um prato de lentilhas. Rebeca privilegia o filho Jacó, em detrimento do outro filho, Esaú, fazendo-os inimigos. A inimizade dos gêmeos Pedro e Paulo não tem causa explícita, daí a denominação de romance “**ab ovo**”: desde o ovo, desde a origem, desde o começo.

Pedro e Paulo, os protagonistas, são gêmeos univitelinos, “tão iguais, que antes pareciam a sombra um dos outro, se não era simplesmente a impressão do olho, que via dobrado”. Como o título sugere, eles também são inimigos. A mãe deles, que tem o sugestivo nome de **Natividade**, engravidara, acidentalmente, com cerca de 30 anos e teve uma gestação difícil. Ambos debatiam-se em seu ventre como se lutassem já antes de nascer. Disputavam tudo: a mãe, olhares, brinquedos. Na adolescência, revelaram ter pendores políticos diferentes: um era republicano, outro monarquista. Disputaram também o amor da menina **Flora**, que faleceu ainda adolescente.

Crescidos, formaram-se: um tornou-se advogado, outro, médico. Elegeram-se deputados por partidos diferentes e passaram a brigar na câmara. A única trégua que se concederam foi por ocasião do falecimento da mãe, que os fez jurar no seu leito de morte que seriam amigos para sempre. Não tardou, porém, que o enfrentamento cotidiano os arremessasse noutras discórdias e assim eles terminam: inimigos para sempre.

Machado de Assis, talvez, tenha querido ironizar a teoria determinista de Taine, concebendo personagens com a mesma herança genética, vivendo no mesmo meio e no mesmo momento histórico, mas com personalidades diferentes, contrariando o Determinismo.

O romance manifesta o olhar político do escritor quando da passagem da monarquia para república. É o romance da ambigüidade, narrado em terceira pessoa, pelo Conselheiro Aires. Pedro e Paulo seriam “os dois lados da verdade”.

COLÉGIO PRO CAMPUS – A PAZ ESTÁ NA BOA EDUCAÇÃO – COMENTÁRIOS DE OBRAS UESPI

A passagem da Monarquia para a República é motivo de alegoria irônica de Machado em **Esau e Jacó**, quinze anos mais tarde, nos conhecidos capítulos das tabuletas – de novo, como que um conto inserido na estrutura do romance. No capítulo 49, “Tabuleta Velha”, o conselheiro Aires acorda no dia seguinte ao Baile da Ilha Fiscal, depois de dormir até as onze da manhã, e à tarde vai passear na rua do Ouvidor. No capítulo 63, “Tabuleta Nova”, Custódio enfrenta um dilema com a tabuleta da sua confeitaria: decide por chamar “Confeitaria do Custódio” que o deixaria livre de significados políticos. Mesmo assim, Custódio novamente seria obrigado a fazer uma despesa, o que era seu desespero. O cidadão estava sob a custódia das indefinições.

À medida que vão crescendo, os irmãos começam a definir seus temperamentos diversos: são rivais em tudo. Paulo é impulsivo, arrebatado, Pedro é dissimulado e conservador – o que vem a ser motivo de brigas entre os dois. Já adultos, a causa principal de suas divergências passa a ser de ordem política – **Paulo é republicano e Pedro, monarquista**. Estamos em plena época da Proclamação da República, quando decorre a ação do romance. No dia 15 de novembro, Aires, também assediado por três tálburis, tomou o que mais lhe ficava à mão e rumou para o Catete. “Não perguntou nada ao cocheiro; este é que lhe disse tudo e o resto. Falou de uma revolução de dous ministros mortos, um fugido, os demais presos. O imperador, capturado em Petrópolis, vinha descendo a serra” (cap. LX).

Até em seus amores, os gêmeos são competitivos. Flora, a moça de quem ambos gostam, se entretém com um e outro, sem se decidir por nenhum dos dois: é retraída, modesta, e seu temperamento avesso a festas e alegrias levou o Conselheiro Aires a dizer que ela era “inexplicável”.

As divergências entre os irmãos continuam, muito embora, com a morte de flora, tenham jurado junto a seu túmulo uma reconciliação perpétua. Continuam a se desentender, agora em plena tribuna, depois que ambos se elegeram deputados, e só se reconciliam ao fim do livro com novo juramento de amizade eterna, este feito junto ao leito de morte da mãe agonizante (Natividade). Mas como já acontecera na morte de Flora, a reconciliação era provisória, e duraria até pouco depois do enterro da mãe.

2. FOCO NARRATIVO

O foco narrativo é intrigante: apesar de o conselheiro Aires participar da narrativa como personagem, o livro não é narrado em primeira pessoa. O conselheiro Aires, aquém é atribuída sua autoria, apresentou a si mesmo como um “ele”. O romance é apresentado em terceira pessoa por narrador-observador, que faz interferências, citações, reflexões metalingüísticas, comentários com o leitor(a), intertextualidades bíblicas e literárias; Históricas e Mitológicas; comentários diversos sobre a política, economia. Enfim, documenta o final do século XIX e a queda da monarquia e os primeiros anos da república velha.

3. PERSONAGENS

Pedro e Paulo, protagonistas, são gêmeos idênticos, cujas personalidades são opostas praticamente em tudo: o único ponto em comum entre seus espíritos discordantes é a paixão por uma mesma mulher. A dualidade do livro está vinculada ao desempenho desses gêmeos. Filhos de Natividade e Santos, antes de nascerem já denunciavam uma insanável rivalidade. O narrador se refere a uma “briga uterina dos filhos”, que atravessando a história, nos últimos capítulos se converte numa “aversão recíproca, apenas disfarçadas, apenas interrompida por algum motivo mais forte, mas persistente no sangue, como necessidade virtual . Não lhe esqueceram os pedidos da mãe, nem a ambição desta em os ver grandes homens”

| PEDRO | PAULO |
|---|---|
| Recebe como sinal distintivo uma medalha de ouro de São Pedro. | Recebe como sinal distintivo uma medalha de São Paulo. |
| Determina que seria médico . | Determina que seria advogado . |
| É mais dissimulado. O fato do pai receber o título de barão é para ele sinal de estima. | É mais agressivo. Paulo recebe o fato com inveja. |
| Nasce no aniversário do dia em que D. Pedro II subiu ao trono. | Nasceu no dia em que D. Pedro I caiu do trono. |
| Monárquico. | Republicano. |
| Acredita na restauração da Monarquia. | Afirma que a Monarquia estava podre, caindo sozinha. |
| Alusão de que poderia ser o primeiro ministro do Império. | Alusão de que poderia ser vice-presidente. |
| Passa a defender a República. | Elege-se para a Câmara dos Deputados, opondo-se à República. |
| Volta às posições de ataque ao governo em oposição ao irmão, representando “o espírito de inquietação”. | Opõe-se a Pedro como antigamente, o que faz o Conselheiro Aires dizer: “Não mudaram nada; são os mesmos”. |

Conselheiro Aires é uma das faces do narrador, sua figura é mais compreensível quando se analisa antes os personagens de composição mais simples. Cético e arredo, é mais um grande personagem da galeria machadiana, que reaparecerá como memorialista no próximo e último romance do autor (Conselheiro Aires, 1808). Velho diplomata de carreira, aposentado, de hábitos discretos e gosto requintado, amante de citações eruditas, era conhecido pelo título, pela condecoração, muitas vezes interpreta o pensamento do próprio romancista.

Flora, jovem amada pelos gêmeos, que, por sua vez, não consegue escolher um dos dois – a solução que ela parece buscar é uni-los num único ser. Simboliza a eterna necessidade de opção que vai definindo cada ser humano em sua vida. A morte de Flora foi uma trégua rápida entre os dois irmãos.

Natividade, a mãe dos gêmeos, é vista como símbolo da maternidade que busca, inutilmente, conciliá-los, inclusive no leito de morte. Natividade é a mulher do banqueiro e barão Santos, simbolizado como o novo-rico, aproveitador e empreendedor recém-saído do episódio do **encilhamento**.

4. TEMPO

O Tempo, na obra de ficção, é marcado pelo escoar do fluxo narrativo. Em Esaú e Jacó o tempo é cronológico e objetivo. A ação se passa no período da proclamação da República (1889).

5. ESPAÇO / AMBIENTE

Cidade do Rio de Janeiro: o centro (como Botafogo, por exemplo) e alguns bairros da periferia. Ambiente de classe média alta e contatos com o ambiente dos arredores, como o Morro do

COLÉGIO PRO CAMPUS – A PAZ ESTÁ NA BOA EDUCAÇÃO – COMENTÁRIOS DE OBRAS UESPI

Castelo. A noção de espaço quase sempre aparece correlacionada com a de outros elementos da narrativa, principalmente com a de ambiente e a de tempo.